

# GETÚLIO

Brasil  
2019

## **AVISO LEGAL**

**Este livro é obra de ficção inspirada livremente em fatos reais. Os eventos e incidentes atribuídos a pessoas, autoridades, personagens, marcas, empresas e instituições que tiveram seu nome verdadeiro revelado na obra têm caráter informativo e contextualizado, são de amplo conhecimento público e fazem parte da história artística, política, intelectual e jornalística do Brasil. Os demais personagens e eventos apresentados são produtos exclusivos da imaginação do autor e foram usados de maneira fictícia para fins de entretenimento. Em relação a estes, quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, e quaisquer similitudes a eventos reais são meras coincidências.**

“Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam; e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci.

Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.

A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a Justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios.

Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruíra os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas

de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo e renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação.

Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com perdão. E aos que pensam que me derrotam respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.

Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida.

Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.”

*Cópia da Carta-testamento de Getúlio Vargas, 24 de agosto de 1954.*

# PARTE I

## Pátria amada

Getúlio abriu a porta da geladeira e pegou duas latinhas de cerveja do refrigerador, fechando a porta de metal com a extremidade gelada de uma delas.

Ele percebeu que o intervalo do jogo já estava terminando, pelo som característico, quase inaudível, das vinhetas dos patrocinadores que vinha da televisão, ao fundo da música de Gabriel Pensador, que seu irmão tinha colocado para tocar, e da conversa animada entre sua esposa e a namorada do irmão. Quer dizer, a garota que tinha vindo com seu irmão, aquele dia.

Rapidamente, sem dar atenção ao conteúdo da conversa entre as meninas – era algo sobre “a vizinha assanhada” –, desviou da garota, que estava encostada na parede da cozinha – qual era o nome dela mesmo? – para atravessar o estreito espaço entre a geladeira e a porta da cozinha, não sem constrangimento ao cruzar o olhar com seus bonitos olhos azuis.

Ela se espremeu contra a parede para permitir Getúlio passar. Ele esboçou, timidamente, um sorriso de “sinta-se a vontade” e, a seguir, passou por trás de sua esposa Darcy, que alternava sua atenção entre as panelas no fogão e a menina que Getúlio esquecera o nome.

Apesar da pressa, pois o jogo da seleção já estava para recomeçar, não se esquivou de deslizar propositalmente a latinha gelada que carregava nas costas de sua mulher, na pele desnuda entre as alças da blusa, provocando um arrepio, uma interjeição e alguns palavrões. Ela se virou rapidamente para tentar atingi-lo com a colher de pau que segurava, mas Getúlio já havia desaparecido pela porta em direção à sala de TV.

Rindo de sua travessura, sentou-se no sofá ao lado de seu filho, que estava bebericando a mamadeira, e jogou uma das latinhas para Benjamin, que estava em pé ao lado do aparelho de

som, dedilhando a coleção de CDs de seu meticuloso irmão mais velho.

Getúlio abriu sua cerveja, abraçando Manezinho, que encostou a cabeça em seu peito, ainda mamando. Ele tomou um gole e observou com surpresa a chamada silenciosa que a televisão anunciava, ao invés do segundo tempo do jogo da seleção brasileira de futebol, nesta Copa que o Brasil esperava se sagrar hexacampeão mundial.

INTERROMPEMOS NOSSA  
PROGRAMAÇÃO PARA  
TRANSMITIR UM  
PRONUNCIAMENTO DA  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

*Minhas amigas e meus amigos...*

– ‘Putz’! Onde ‘cê’ conseguiu ‘esse’ aqui?

Getúlio olhou para o CD “Holocausto Urbano”, álbum de estreia do grupo Racionais MC’s, clássico dos anos 90s, que Benjamin segurava para cima com uma das mãos, enquanto continuava bisbilhotando a caixa de discos com a outra.

– Ganhei da Darcy...

Respondeu ele com a voz pastosa produzida pela boca cheia de cerveja, voltando sua atenção ao pronunciamento da presidente.

– ‘Ô, véi’! Coloca de volta no jogo... já deve ter começado!

Criticou Benjamin, quando se deu conta do que estava passando na TV.

– Não acredito que ‘os cara’ tão fazendo propaganda política no meio da Copa do Mundo...

Ele pegou o controle remoto que estava ao lado da TV e, revoltado, mudou os canais freneticamente, um atrás do outro,

somente para constatar que o pronunciamento estava sendo transmitido em todos os outros canais.

– ‘Putaquepariubando-debabaca-do-cacete’...

Getúlio deu um peteleco com a parte de trás da mão na coxa do irmão, para que parasse com os xingamentos na frente de seu filho...

*Brasileiras e brasileiros...*

– Baixa o volume [da música] aí ‘pra’ eu ouvir o que ela está dizendo.

... e se sentou mais na ponta do sofá para ouvir melhor.

Benjamin jogou o controle remoto em cima do sofá e foi até o aparelho de som, aumentando o volume ainda mais, para provocar o irmão.

Balançando a cabeça ao som do RAP de Criolo, sorriu e olhou para Getúlio com os olhos semicerrados como quando fumava um baseado, enquanto seu irmão gesticulava com a cara de quem não estava brincando, para, só então, reduzir o volume da música.

– Puta ‘muié’ feia essa Dilma, ‘véi’... e olha que ela deve ter ficado umas duas horas no salão de beleza antes de filmar essa porra.

Benjamin se sentou ao lado do Getúlio, equilibrando a latinha para não respingar cerveja no chão. Em 2010, a presidente Dilma Rousseff se tornara a primeira mulher a ser eleita para o mais alto cargo da República do Brasil, após oito anos de governo de Luiz Inácio “Lula” da Silva, seu grande mentor e fundador do partido político ao qual ambos eram filiados, o PT (Partido dos Trabalhadores).

– Mostra um pouco de respeito aí, ‘fio’... É graças a ela que eu estou hoje na faculdade...



Getúlio estava se referindo ao programa do Governo que lhe permitiu iniciar a graduação no ensino superior, o Programa de Financiamento ao Estudante (FIES), criado em 1976 com o nome de crédito educativo e reformulado a partir de 1999 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Nos últimos anos, o programa havia sido difundido e ampliado e, naquele ano da Copa, 26% dos estudantes matriculados em instituições privadas de ensino superior eram beneficiados pelo FIES.

– O Lula eu até respeito!

Interrompeu Benjamin com o dedo em riste, o cenho franzido e um meio sorriso no rosto, olhando para o cachorro deitado, enrolado sobre si mesmo no canto da sala, com o focinho apoiado sobre a anca e a orelha mexendo de tempos em tempos para espantar as moscas que tentavam lhe tirar o sono.

O ex-presidente Lula tinha sido o primeiro brasileiro de origem operária e sem curso superior a governar o País, cargo que exerceu entre os anos 2003 e 2010.

– No LULA, eu confio o meu voto!

Continuou Benjamin, acentuando o nome do ex-presidente na tentativa de chamar a atenção do animal. Mas o jaguara agiu como se não fosse com ele. Apenas abriu um dos olhos, preguiçosamente, para ver se quem lhe chamava tinha alguma coisa que realmente valesse a pena sacá-lo do marasmo.

Foi Manezinho, no entanto, que pareceu acordar do estado hipnótico que se encontrava ao desfrutar de sua mamadeira no colo do pai.

– LULA! LULA!

Desceu ele do sofá, clamando por seu cão-irmão, um vira-lata de pequeno porte, cor de mel, mistura de dachshund, beagle e pequinês, entre outros, que Benjamin tinha dado para Getúlio no mesmo ano em que Manuel nasceu. Tinham, assim, a mesma idade, apesar do cachorro envelhecer mais rápido. O cão logo se

levantou abanando o rabo, ao perceber a aproximação de Manezinho, num misto de alegria e alerta, para evitar ser apertado e torcido na empolgação exultante de seu menino-irmão.

– ‘SHHH!’ Espera, aí, um pouco...

Pedi novamente, Getúlio, tentando ouvir o que a presidente estava a dizer.

*Minhas amigas e meus amigos,*

*O Brasil que recebe esta Copa é muito diferente daquele país que, em 1950, recebeu sua primeira Copa...*

Getúlio imediatamente se lembrou de uma conversa que tivera com seu pai, quando criança.

– Você sabe por que seu nome é Getúlio?

Ele perguntara ao seu pequeno filho.

– É por causa do presidente que governou ‘esse’ País por mais tempo, até hoje...

Getúlio nascera em 05 de outubro de 1988, dia exato em que foi promulgada a atual Constituição da República Federativa do Brasil.

– O nome dele era Getúlio Vargas... e da mesma maneira que a nossa Constituição, que foi publicada bem no dia em que você nasceu, ele também publicou na época dele uma das leis que mais ajudou o trabalhador brasileiro...

Em 1943, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi sancionada pelo presidente Vargas em pleno Estádio de São Januário, a casa do clube de futebol Vasco da Gama. O estádio, que estava lotado para sua celebração, era o maior estádio do Rio de Janeiro, na época, então capital do Distrito Federal do Brasil.

– Foi o presidente Getúlio Vargas que trouxe a Copa de 1950 ‘pra’ cá, porque ele sabia da alegria que o futebol dava ‘pro’

povo... foi a única Copa que o Brasil sediou até hoje... e ‘pra’ mostrar ‘pra’ todo o mundo como é que se jogava futebol, ele construiu o maior estádio de futebol que o Mundo já viu...

O Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, foi inaugurado em 1950 para sediar a Copa do Mundo de Futebol daquele ano. Seu apelido deriva da palavra *maraca*, que em Tupi-Guarani significa “instrumento semelhante ao chocalho”, em decorrência do som dos pássaros que viviam na região.

– ... e um dia, meu filho, você vai fazer coisas tão importantes quanto o presidente Getúlio Vargas e vai, também, fazer a diferença na vida dos outros brasileiros...

Getúlio bebeu mais um gole. Ele não acreditava em destino ou predestinação. A vida dura tinha lhe ensinado há muito tempo que somente através de esforço, trabalho e honestidade ele seria capaz de conseguir sucesso e um pouco de conforto para sua família.

*Nos últimos anos, nosso País promoveu um dos mais exitosos processos de distribuição de renda, de aumento do nível de emprego e de inclusão social. Reduzimos a desigualdade em níveis impressionantes, levando, em uma década, 42 milhões de pessoas à classe média e retirando 36 milhões de brasileiros da miséria...*

Era verdade. Getúlio e sua família sentiram na pele as melhorias inegáveis nas condições de vida da maioria da população. Nasceram na pobreza e, agora, faziam parte do crescente número de pessoas pertencentes à nova classe média brasileira.

Apesar dos pesares, Getúlio tinha consciência de que era um brasileiro privilegiado. Foi adotado juntamente com seu irmão, quando perdeu os pais com apenas cinco anos de idade, e fazia agora parte dos 44,5% de brasileiros que estavam empregados

com carteira de trabalho assinada, dos 35% que tinham uma família abençoada pelo Senhor no matrimônio, dos apenas 23,5% da população que haviam completado o ensino médio, dos 22,7% que tinham um automóvel particular e dos 17% de felizes torcedores brasileiros pertencentes à nação rubro-negra, torcida do Clube de Regatas do Flamengo – a maior torcida do Brasil.

Getúlio olhou para o filho, que estava usando uma camisa do uniforme do Flamengo com o número 10 nas costas, bem na hora de vê-lo dividindo o bico da sua mamadeira com seu estimado cãozinho.

– Opa! Não pode dar de mamar ‘pro’ Lula, não!

Getúlio voou em sua direção, mas não foi capaz de evitar que Manuel colocasse a mamadeira lambida pelo cachorro de volta na boca.

– ‘Dá aqui’ que eu só vou passar uma água, rapidinho...

Disse, arrancando, não sem resistência, a mamadeira das mãos de Manezinho, que se pôs a chorar, enquanto Benjamin ria, divertindo-se com a situação.

– Ah! ‘Deixa ele’... A lambida do Lula deve limpar a “coisinha” melhor do que água e sabão.

Darcy rapidamente entrou na sala, ao ouvir o chorar de seu filho, cruzando com Getúlio, que foi até a pia da cozinha para por a mamadeira debaixo da torneira.

– O que foi filho? Está com fome?

Darcy pegou Manezinho no colo, com jeito. Getúlio voltou da cozinha, secando a mamadeira, e a devolveu ao menino com os olhos marejados e a boca torta pelo choro, sentando-se rapidamente no sofá para voltar a assistir o jogo que já tinha recomeçado.

*Autoriza o árbitro e mexe na bola a seleção brasileira...*

– Fica com ele aqui, mais um pouco, que eu vou tirar o arroz do fogo ‘pra’ preparar o “papazinho” dele.

Darcy entregou Manezinho para Getúlio, mas o garoto não perdeu tempo e desceu imediatamente do colo do pai, voltando ao lado de Lula para, novamente, oferecer sua mamadeira ao cachorro. Benjamin não segurou a gargalhada. Getúlio deu-se por vencido, prestando atenção à tela, que mostrava a seleção brasileira avançando ao ataque.

*... são 45 minutos para que a seleção brasileira tente uma vitória e saia à frente num grupo que, repito, é complicado...*

Era o início do segundo tempo do primeiro jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014. O Brasil empatava em “1 x 1” com a Croácia, mas precisava da vitória para dar o primeiro passo na classificação à fase seguinte da competição e se consolidar como grande favorito ao tão desejado título, que o Brasil já tinha conquistado cinco vezes, mas que era inédito “em casa”.

Juntamente com outros 42,9 milhões de brasileiros que assistiam à transmissão televisiva do jogo de estreia do Brasil na Arena Corinthians, em Itaquera – zona leste de São Paulo –, Getúlio e Benjamin torciam fervorosamente para a seleção conquistar pela sexta vez o tão cobiçado caneco.

– Vamos lá, BRASIL!

Gritou Benjamin. Manezinho entrou no clima e começou a pular; “BRASIL, BRASIL, BRASIL...”

– O Brasil é o time de ‘vormelho’, papai?

Getúlio achou graça na pergunta de Manuel, pois toda vez que estava assistindo futebol com o filho, costumavam, de fato, torcer pelo time de vermelho e preto.

– Não filho, hoje quem está de camisa vermelha é a Croácia...  
O Brasil ‘são’ os de amarelinho.

– ‘Corácia!?’

Indagou Manezinho, achando a palavra engraçada.

– Olha só a mamadeira do Manuel no chão! Vocês bem que podiam pelo menos cuidar direito do menino enquanto nós fazemos a janta ‘pra’ vocês, né?...

Darcy retornou da cozinha com o pratinho de comida do filho.

– ... já pensou se o Lula ‘pega ela’?

Os irmãos se entreolharam, em silêncio.

– ‘Th!’ Está um a um, ainda? Pelo jeito o Brasil não vai ganhar nada!

Continuou Darcy, desanimada, sentando-se ao lado de Getúlio e preparando-se para alimentar Manuel.

– Vocês preferem jantar agora ou só depois do jogo? O estrogonofe está pronto.

O cheirinho estava ótimo, mas a testosterona e o resultado insatisfatório tinham aparentemente tirado a fome dos garotos.

– ‘Putaqueo-pariu!’

Exclamava Benjamin a cada passe errado ou conclusão fora da meta.

*Olha o cruzamento... bola ‘pra’ área... É  
PÊNALTI!*

Benjamin e Getúlio se levantaram do sofá comemorando, pulando abraçados. Em seguida, Getúlio pegou Manezinho no colo e o balançou sobre a cabeça.

*... É PÊNALTI!...*

Disse o narrador da TV. Os fogos de artifício da vizinhança tornaram inaudíveis as suas palavras seguintes.

– É gol?

Perguntou Manezinho, observando a comemoração de todos.

– Calma que ainda não ‘é’ gol...

Alertou Darcy em meio aos gritos de comemoração. E com razão.

Pênalti não é gol.

– Não. Foi pênalti, filhão...

Getúlio abraçou Manuel junto ao peito, como seu pai fizera durante os pênaltis da última Copa que vira com ele, em 1994.

Naquela época, Getúlio era um pouco mais velho que Manuel, hoje. Disputavam a final da competição, Brasil e Itália. Quem ganhasse consagrara-se o primeiro tetracampeão mundial de futebol. Seu pai sempre dizia:

– Tem gente que acha que pênalti é loteria... É claro que tem um pouco de sorte, mas é muito mais treinamento e competência do que sorte.

Mesmo assim, seu pai o segurou no colo como sinal de bom agouro, da mesma maneira que ele segurava seu filho agora. Getúlio era muito menos supersticioso que o pai, mas o colo do pai funcionara, na época, e o Brasil finalmente se sagrou campeão, após 24 anos de jejum.

– ... mas se o Brasil marcar o pênalti, é gol!

Getúlio apertou o filho, torcendo pela competência do cobrador oficial da seleção, o jogador com o número 10 gravado nas costas – Neymar da Silva Santos Jr.

Desinteressado, Manuel escorregou do colo do pai para o chão.

“Vai dar azar”...

... passou-lhe rapidamente pela cabeça, mas Getúlio logo suprimiu a ideia, roendo a unha do polegar direito; os olhos vidrados na tela.

*Autoriza o árbitro...*

Benjamin beijou sua namorada, ansioso, abraçando-a pela cintura. Darcy, sentada atrás de Getúlio, que se encontrava em pé desde a marcação do pênalti, inclinou-se para frente e abraçou sua perna, tão ansiosa quanto ele. Getúlio apertou firme sua mão.

*...partiu Neymar... é com o pé direito... bateu...*

O goleiro ainda tocou na bola. Pareceu por um instante que a bola sairia à direita do gol, mas não...

*É gol! É gol! É gol! É gol! GOOOL!*

Todos explodiram de alegria. Os fogos de artifício, que não haviam parado totalmente, intensificaram-se. Getúlio abraçou Darcy e chamou Manuel para comemorar com eles.

– Agora é gol, filho! ‘AÊÊÊÊ’...

– ‘GOOOOOL!’

Manezinho veio correndo em direção ao pai, da mesma maneira que sempre fazia quando assistia aos jogos do “Mengão”.

– CHUPA, Croácia!

Gritou Benjamin.

– AQUI É BRASIL!... Agora a gente pode comer...

Ponderou ele, levando sua paquera pela mão até a cozinha. Darcy correu na sua frente para entregar os pratos antes de Benjamin e Álea se servirem.

– Espera aí que hoje nós vamos comemorar com um prato especial.



Ela retirou quatro pratos do fundo do armário, herdados de sua falecida mãe, que ela quase nunca “botava no uso”, pois eram supostamente caros e especiais.

– O que eu estou interessado é na comida, NÃO no prato!

Gracejou Benjamin, que já estava com um prato em mãos, ansioso para se servir direto das panelas sobre o fogão. O cheiro estava realmente delicioso!

– ‘NÃÃÃO!’

Proibiu Darcy.

– Hoje nós vamos comemorar o jogo do Brasil E...

Deu ênfase ao “e”.

– ... que você finalmente assumiu a Áli como namorada oficial.

Benjamin fez cara de desentendido, levando uma cotovelada de Álea quando ela percebeu que ele estava fingindo que o assunto não era com ele.

Em verdade, era a primeira vez que Benjamin levava uma namorada à casa do irmão. Ele já tivera várias, mas não as levava muito a sério. Darcy arrancou o prato da mão de Benjamin e deu novos pratos aos dois.

– Seja cavalheiro e deixe a menina se servir primeiro, né, ‘Ô’, educado!

Álea enrubesceu, encolhendo-se sob os ombros e escondendo-se atrás do prato, que segurava em frente de si com ambas as mãos.

– VAI, criatura...

Darcy a provocou.

– ... senão o Benjamin come tudo e não sobra nada ‘pra’ você.

Benjamin olhou o prato com atenção enquanto esperava, passando as pontas dos dedos sobre o alto relevo em suas bordas e observando a pintura de flores em seu fundo.

– Agora, sim! Com um prato desses, me deu mais fome ainda!

Álea se serviu de arroz e pôs o estrogonofe de carne por cima.

– Tem *champignon*, aqui, ‘pra’ quem gosta... eu deixei separado porque o Getúlio não come...

Darcy colocou o vidro de *champignon* em conserva sobre a mesinha ao lado do fogão, com uma colher de sopa ao lado.

– ‘Hummm!’ Tem até *champignon*... que chique!

Elogiou Benjamin.

– ... Eu quero... O Getúlio é um fresco!

Aproveitou para gozar do irmão, que continuou assistindo o jogo na sala. Foi quando Getúlio gritou...

– ‘FELA-DA-PUUUTA!’

Não pelo comentário do irmão, mas por causa de uma chance perdida no jogo. Benjamin correu junto a ele para ver o *replay* da jogada.

– O Oscar cruzou na cabeça do David Luiz, de frente ‘pro’ gol... mas ele cabeceou ‘pra’ fora...

Lamentou Getúlio.

... *É a presença do cara que vem de trás... a jogada passou pelo meio... o Oscar fez o lance e o David ‘tava’ lá ‘pra’ complementar...*

– Ah, meu! Só chama se for importante! Achei que tinha sido gol da Croácia!

Reclamou Benjamin, que voltou à cozinha para se servir, enquanto Darcy e Álea se sentavam à mesa da sala para começar a jantar.

– Se serve, lá, Getúlio. A gente vira a TV ‘pra’ cá, ‘pra’ vocês continuarem assistindo...

Sugeri a esposa. Benjamin sentou-se no sofá com o prato cheio em mãos, enquanto Getúlio se levantou rapidinho para não perder o final do jogo.

– Deixa a gente comer aqui, mesmo...

Argumentou Benjamin.

– Ah, não!...

Reclamou Darcy.

– ... hoje nós estamos fazendo uma DUPLA comemoração, né? Venham se sentar aqui com a gente.

Implorou Darcy.

Benjamin nem ouviu...

*... agora vem inteiro o time da Croácia... se recompõe a defesa brasileira... jogo duro, sofrido, difícil, eles vêm tocando... olha o ‘cruzameento’... Júlio César... ‘Opa’... [apitos]*

Getúlio voltou com seu prato – não tão cheio – e sentou-se ao lado do irmão, no momento em que via a bola chutada por um jogador croata parar no fundo do gol defendido pelo goleiro Júlio César do Brasil.

– Ah, não! Foi gol?

Perguntou ele, desanimado.

– Acho que não valeu...

Respondeu Benjamin, incerto.

*... ele [o gol] não tá valendo... ele [o juiz] apitou falta no Júlio César... o Júlio César 'tava' com a bola nas mãos quando foi trombado...*

Darcy fez uma careta para Álea, reconhecendo que não conseguiria fazer os meninos se sentarem à mesa com elas, independentemente dos argumentos.

– Perdemos ‘pra’ Copa, Áli.

Divertiu-se ela.

– Não precisa nem ser a Copa ‘pra’ gente perder... qualquer joguinho já é suficiente ‘pra’ eles chutarem a gente ‘pra’ escanteio...

Reconheceu a amiga.

– Olha lá!

Advertiu Benjamin.

*...olha o Oscar, partiu, contra dois, saiu do primeiro... vai Oscar, bateu de longe...*

– GOL!

Gritaram Getúlio e Benjamin ao mesmo tempo, levantando-se novamente do sofá.

*Olha o gol, olha o gol, olha o gol...*

– GOOOOOL...

“Três a um.”

Quarenta e cinco minutos do segundo tempo.

*Game over.*

Os fogos de artifício explodiram em toda a cidade e não pararam até o apito final, quatro minutos depois, com o placar inalterado.

– Vamos lá fora ver o pessoal soltar os fogos de artifício?